Centro
de Referência
Paulo Freire

Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire

acervo.paulofreire.org

InstitutoPauloFreire

FBF_MBF-01_0290

Aliás, bom que se diga: Paulo Freire é muito mais conhecido e respeitado no exterior que no Brasil. Além de consultor da UNESCO, ensina na Universidade de Harvard e conquistou o título de doutor *honoris causa* em diversas universidades estrangeiras. Ainda: contratado pela UNESCO, trabalhou no Plano de Educação em Massa do Chile, durante o governo de Eduardo Frey.

O consultor da UNESCO segue esclarecendo que, se a pessoa rompe a relação paciência-impaciência, esse rompimento se dá em favor da paciência ou da impaciência. As consequências são evidentes: "Se você rompe a favor da paciência cai na acomodação, vira conciliador antes do tempo. A conciliação só se dá quando se supera a contradição. A paciência só trabalha em função dos interesses dominantes, diretamente".

Apesar dessa colocação, Freire não defende a impaciência: "A impaciência ajuda também a preservar os interesses dominantes na medida em que só nos leva esquecer os limites políticos, históricos, populares, ideológicos da prática. A prática se dá num espaço que é político, que é social que é histórico. Por isso, a impaciência tem seus limites. E é limitada não só por nós, mas pelo quem está contra os objetivos da nossa prática".

Esta é a conclusão de Paulo Freire: "Só na medida em que você luta impacientemente paciente você alcança a relação dialética entre prática e estratégia".

"Na tentativa de esclarecer bem esse ponto, Freire cita um dos textos de Amílcar Cabral (líder do movimento de libertação nacional da Guiné, morto em 1972), onde diz que "se o tempo é de correr não posso andar; e, se o tempo é de andar, não posso correr". O educador completa: "É exatamente o problema da relação paciência-impaciência. O problema é que você tem que andar correndo e correr andando".

Ao mencionar questões como essa, Paulo Freire enfatiza a responsabilidade do militante revolucionário, que é bem maior do que apenas ler textos e pretender aplicá-los, sem adequação ao tempo e ao espaço. Segundo ele, uma exigência fundamental que se coloca ao militante revolucionário é saber também ler o real, ler o concreto e não apenas as páginas dos livros.

O educador deixa claro que a transformação acontece num processo que envolve paciência e impaciência, impaciente-paciência, mobilização das massas, confiança crítica e não ingenuamente otimista. Mais: "Nunca com a mobilização das massas, nunca com a tentativa de querer transferir a elas um saber feito e acabado. É viver com elas a própria dinâmica da história, o ir e voltar. É o desenvolvimento pela práxis política. A sensibilidade histórica vai molhando a gente e nós terminamos suando história, molhando o corpo de história. Sem isso, a gente não consegue nada".

Alfabetizar é conscientizar

Odete Machado

Alfabetizar. Em seu sentido restrito, a palavra significa, simplesmente, ensinar a ler. Um significado encontrado em dicionários e que foi sistematicamente introduzido em nossa cultura. De um modo geral, o ato de alfabetizar continua sendo hoje, no Brasil, o trabalho de transmitir o que se aprende através do repetir.

Ma, Paulo Freire, mundialmente conhecido como criador de um método revolucionário de alfabetização, redefine, em sua teoria pedagógica, esse conceito. Redefine o alfabetizar. Redefine o ensino. Inicialmente, seu método parte do pressuposto de que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A partir daí, o trabalho será o da construção do diálogo entre o educador e o educando; quem sabe, aprende, e quem não sabe, ensina.

Um diálogo em que as partes de cada um são descobertas no outro. Ao contrário da simples imposição da educação, por quem supõe possuir um saber, sobre os que foram determinados a pensar que não o possuem. De um lado e de outro, se ensina e se aprende, e surge o educador/educando, o educando educador.

Propostas de ensino, como prefere chamar Paulo Freire. Realmente, o método apresenta propostas, sem que sejam colocadas formas únicas de como fazer. Um método alterado de acordo com o contexto em que é aplicado, numa renovação constante, advinda da prática. Sua teoria não é considerada, de maneira alguma, definitiva.

Contrapondo-se ao modelo de ensino implantado no Brasil, que apresenta uma aprendizagem fragmentada, distanciando, assim, o alfabetizando da sua própria realidade, as propostas do educador vislumbram a descoberta do universo, através da palavra.

A pesquisa e a descoberta desse universo vocabular definirão, então, as palavras geradoras e os temas geradores. Palavras que reconhecem a experiência vivida do alfabetizando e facilitam o domínio da palavra escrita. Temas geradores, que remetem o educando a uma reflexão sobre a sua realidade próxima, sobre as relações do homem, sobre os valores, dentro e fora do lugar/universo onde se atua.

Numa sociedade desigual, onde predomina a pedagogia das classes dominantes, desponta a pedagogia do oprimido, como prática da liberdade. Um trabalho coparticipado de construção do conhecimento do mundo.

Para Paulo Freire, a própria decisão de alfabetizar é um ato político. Em função disto, "educadores educandos do povo" devem sempre estar claros quanto ao em favor de quê e de quem realizam sua prática.

Uma alfabetização que só passa a existir realmente com a reflexão do homem sobre sua posição no mundo, sobre seu trabalho, sua capacidade de transformação das coisas. Um método pedagógico que permite ao homem, através dessa reflexão, o ato de redescobrir-se, como sujeito da sua própria história.

As propostas do educador Paulo Freire levam, em sua instância maior, à compreensão do mundo por parte dos que aprendem e ensinam a leitura real da realidade social. A conscientização para validade de todo o processo:

"Só assim nos parece válido o trabalho de alfabetização, em que a palavra seja compreendida pelo homem na sua justa significação: como uma força de transformação do mundo. Só assim a alfabetização tem sentido. Na medida em que o homem, embora analfabeto, descobrindo a relatividade da ignorância e da sabedoria, retira um dos fundamentos para a sua manipulação pelas falsas elites".

'A grande formadora e reformadora do educador é a prática política'

COMO pode um educador extrapolar os limites do seu campo de atuação e propor algo tão amplo como a reinvenção da sociedade?

Isso certamente soa estranho e incompreensível para muitos que conhecem a realidade das escolas e o sistema educacional do País. Mas, para Paulo Freire, não resta dúvida de que a educação não pode ser pensada e compreendida fora da compreensão do poder.

Eis o seu raciocínio: "O ponto fundamental da educação que temos que defender é aquele segundo o qual teremos que estar com o educando, seja o educando um menino na pré-escola, ou um menino na escola de 1º grau, o adolescente, o estudante maior ou, mais longe ainda, seja o educando o grupo popular, a massa popular".

A explicação prossegue: "É *estar com*, é *falar com* e nunca *estar sobre*, nunca *estar para*, apenas para, e nunca *falar a* ou *falar a respeito de*. A única forma que eu tenho é *estar com* as massas, é *falar com* elas e não *falar a* elas. *Falar a* elas, simplesmente, é a melhor maneira que eu tenho de *estar sem* elas. E sem elas eu acho que não é possível transformar coisa alguma".

Democracia sem povo? Para Paulo Freire, a estranha compreensão de democracia sem povo lembra professores que gostam muito do seu trabalho, desde que os estudantes não cheguem.

Em resumo, gostam de ser professores, mas não gostam de estudantes.

"O educador não estaria precisando ser educado?", indagaram ao pensador que, sem pretender ferir ninguém, reconheceu que há muitos educadores não esclarecidos em relação ao seu papel e acabam cumprindo um papel bastante diverso: reproduzem a ideologia dominante.

Segundo Paulo Freire, reuniões, discussões, encontros podem ajudar educadores em estado de consciência ingênua a tomar consciência e despertar para o papel reprodutor que a ideologia empresta ou exige. Mas, assegura: "Na verdade, porém, a grande formadora e reformadora do educador é a sua prática política, a sua participação na luta política".

Freire coloca a mesma idéia com outras palavras: "O educador do educador é justamente a prática social". Ele enxerga o problema da educação no contexto do "papel criador das massas populares, fazendo história e se refazendo ao fazer história. Por isso mesmo, na opinião de Paulo Freire, uma prática pedagógica correta implica na necessidade do aprendizado com as massas populares, na convivência com elas.

'O conhecimento não se dá apenas na intimidade da academia, das escolas'

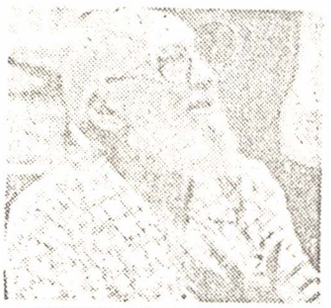
AO tentar deixar bem claro esse seu entendimento de mundo, Paulo Freire cita o líder nacional do PT, Luís Inácio Lula da Silva, e o define como "um grande educador deste País de hoje". Diz: "Lula é, cada vez mais, um grande leitor, não de livros, mas da realidade brasileira. Porém, ele não se fez a si mesmo. Lula está sendo feito, historicamente, pelas massas brasileiras, pela classe trabalhadora brasileira".

O autor de *Pedagogia do Oprimido* destaca que, por melhor que o intelectual seja, melhor ainda pode ficar se conviver com as massas. "O conhecimento não se dá apenas na intimidade da academia, na intimidade da escola. Às vezes, lá dentro da escola é que o conhecimento se dá mal", ressalta, e acrescenta: "O conhecimento constitui-se, se cria e se recria na prática, na transformação do mundo, na organização política. Essa é a fonte do conhecimento crescente de Lula".

Numa perspectiva de quem realmente ouve as massas, não cabe a nenhum partido político fazer a reformulação da educação a partir dele mesmo. "São as massas populares, os estudantes, os professores que têm que ser ouvidos para dizer o que pensam da educação e não apenas meia dúzia de educadores", afirma Paulo Freire, e acrescenta: "O fundamental é ter as linhas mestras, centrais, que envolvem uma política geral para a educação".

Vai mais longe: "A natureza política da prática do educador, se brotar, remete o educador a uma experiência partidária. Isso não significa, porém, que, como político, qualquer educador, dentro da sua atividade docente, possa e deva impor ao educando sua opção partidária. O educador não apenas não é neutro, como deve expressar publicamente a sua não neutralidade. O educador se sentirá fracassando na medida em que ficar apenas como livre-atirador".

Na opinião de Paulo Freire, as entidades que representam o professorado deveriam enfatizar, tanto quanto possível, o esforço de uma tarefa político-pedagógica de revisão da própria formação de companheiros da categoria, chamando a atenção para essa dimensão reprodutora da ideologia dominante.



'Transformação radical da escola se dará com transformação radical do sistema da sociedade'

PAULO Freire não tem dúvidas de que é preciso transformar a escola. "Mas, a transformação da escola não se faz a nível radical a não ser com a transformação radical do sistema global da sociedade", comenta o educador, que nem por isso nega a necessidade de se introduzir pequenas mudanças.

"Antes que a transformação radical seja feita, temos o dever de fazer algumas transformações. Estou convencido de que a tese segundo a qual só é possível transformar, só é possível mudar o subsistema quando o sistema global for mudado, é uma tese acomodada, de quem não quer fazer nada". Porém, enfatiza que também não é dialético, nem histórico pensar que a pura reforma do subsistema resolve. Palavras dele: "Toda crítica que se faz ao subsistema, apenas ao subsistema, é uma crítica reformista".

Como transformar o sistema global? "Exatamente fazendo uma transformação radical. Até hoje, na história, nenhuma revolução chegou ao poder numa certa sexta-feira, às 16 horas. As revoluções não são feitas por decreto. O que se faz por decreto, sem povo, é golpe de Estado. Revolução é processo", destaca e lembra que o grande líder da revolução nicaraguense, a grande alma, foi assassinado em 1934, e começou sua luta nos anos 20.

"A transformação radical da sociedade implica, necessariamente, uma série de coisas que são, afinal de contas, políticas", diz Freire, que acrescenta: "Implica, por exemplo, um tratamento lúcido entre práticas e estratégias".

Sua explicação prossegue: "Se você considera que na estratégia você coloca, você tem seu objetivo, o seu sonho político, que é a transformação radical da sociedade, a reinvenção do poder, e que você tem nas práticas os caminhos, os modos, os ir e voltar através dos quais você concretiza o sonho estratégico; se você considera isso, você tem que considerar a relação dialética, íntima e processual entre as práticas e a estratégia".

Reforça: "Se você falha no uso das táticas, você pode *ferir* a estratégia, e a compreensão destas relações não se aprende em seminários. Aprende-se fazendo".

Para Paulo Freire, não se pode perder esse tipo de dimensão, como não se pode perder também a dimensão entre outro tipo de relação: a relação dialética entre paciência e impaciência. Enfatiza: "Acho esse negócio outra coisa fundamental, que tem a ver com a relação tático-estratégica".

"É preciso conviver com as massas, suar história, molhar o corpo de história"

"Conscientização não leva anarquia e tampouco a fanatismos destrutivos"

ENTRE as inúmeras p guntas dirigidas a Pa Freire, no debate terça-feira, muitas deixaram ser respondidas, pois o confere cista não aguentava o cansa Uma delas referia-se ao "peri da conscientização".

Colocações sobre a possib dade de "a consciência criti conduzir à desordem" são feit por Paulo Freire, na abertura *Pedagogia do Oprimid* Argumenta: "Não é a conscien zação que pode levar o povo a natismos destrutivos. Pelo c trário, a conscientização, que permite insertar-se no proce histórico, como sujeito, evita fanatismos e o inscreve na bu de sua afirmação".

Procura esclarecer mais ain e menciona palavras de Francis Weffort, no prefácio de *A Edu ção como Prática da Liberda* (Paulo Freire, 1967): "Se a mada de consciência abre o ca nho à expressão das insatisfaç sociais, se deve a que estas componentes reais de uma sit ção de opressão".

As pessoas que lotaram o au tório do Santa Cecília (muitas las sentadas no chão, nos cor dores e no palco) saíram com tando o brilhantismo de Pa Freire e uma frase em especi "A luta é a grande pedagoga povo histórico. A luta é a parte da consciência política, histór cultural dos povos". Sem dúv alguma, Paulo Freire deu u grande lição de vida.